

**A FESTA DO BOM JESUS DO ABUNÃ  
(PLÁCIDO DE CASTRO – AC)**

*Adriana Saldanha da Silva* (UFAC)  
*Lindinalva Messias Chaves* (UFAC)  
[lindinalvamessias@yahoo.com.br](mailto:lindinalvamessias@yahoo.com.br)  
*Adailton de Sousa Galvão* (UFAC)

INTRODUÇÃO

Este projeto de iniciação científica, desenvolvido no Centro de Estudos dos Discursos do Acre, teve início em 2006-2007 e foi elaborado para passar por várias fases de execução. Nesta fase, tivemos como objetivo estudar as manifestações culturais na cidade de Plácido de Castro, localizada no leste do Acre, na microrregião de Rio Branco e na mesorregião do Vale do Acre. Este município fica a 100 km de distância de Rio Branco, capital acreana.

O município de Plácido de Castro faz fronteira com a vila de Montevideú, território boliviano. O surgimento do município ocorreu em razão da posição comercialmente estratégica para a compra de borracha (*hevea brasiliensis*) e castanha (*bertholletia excelsa*) e fornecimento de mercadorias na época áurea do látex. Atualmente, Plácido de Castro é considerada uma grande atração para o turismo de compra, pois com o asfaltamento dos aproximados 95 quilômetros da AC-40, a população de Rio Branco passou a utilizá-la para passeios, o que incentivou os vizinhos bolivianos a trazerem mercadorias da zona franca de Cobija (Bolívia) para vender aos brasileiros. Assim, o comércio se desenvolveu, dando origem a um povoado estritamente comercial, no território boliviano, margem oposta do rio Abunã. Tal fato refletiu-se também no lado brasileiro, estimulando várias atividades comerciais e de serviços para atender as necessidades dos comerciantes bolivianos e dos turistas brasileiros. A par desse contato estreitado em função das relações comerciais, foi incorporado, recentemente, a uma festa católica do lado brasileiro, intitulada Festa do Bom Jesus do Abunã, elemento simbólico que representa a paz e a integração entre os dois povos.

Nosso objetivo no projeto foi identificar e registrar as principais manifestações que ocorrem na cidade e seus respectivos atores,

assim como estabelecer a ligação entre as diversas manifestações culturais registradas e os espaços geográficos. Uma vez de posse dessas informações, tínhamos, ainda, por objetivo, elaborar a carta folclórica (mapa das manifestações culturais) referente a essa localidade; este mapa deverá juntar-se ao de Rio Branco e, com a elaboração dos concernentes aos demais polos urbanos do Estado, constituirão a “Carta das Manifestações Culturais do Acre”.

Dentre as duas manifestações registradas, Quadrilhas e Festa do Bom Jesus do Abunã, no município de Plácido de Castro, selecionamos a segunda para um ensaio por duas razões: a primeira já foi objeto de estudo em fase anterior da pesquisa; e a segunda apresenta um aspecto muito específico referente ao espaço geográfico que ocupa, bem como à história das duas populações locais.

Visto que estamos apresentando este trabalho em evento voltado para a Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, optamos por trazer aqui apenas recortes da pesquisa e o pequeno artigo redigido sobre a Festa do Bom Jesus, trabalho este que se constitui, de todo modo, em exercício da Língua Portuguesa.

### ***1. Aspectos teóricos***

Luís da Câmara Cascudo (1972, p. 11-12), um clássico do assunto, escreveu que folclore é o “patrimônio de tradições pertencentes a todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais; é transmitido oralmente e conservado e defendido pelo costume”. No Brasil, durante muitos anos, prevaleceu o que ficou estabelecido na Carta do Folclore Brasileiro, adotada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em 1951. Em 1995 essa Carta foi reformulada e, diante da nova conceituação, várias características que haviam sido atribuídas ao folclore desapareceram ou foram relativizadas. Um exemplo disso é a exigência do anonimato, isto é, o fato folclórico não teria autor conhecido. Esta característica colocada em termos absolutos tem sido progressivamente relativizada porque ela deixava de fora o artesanato, a poesia dos repentistas, a literatura de cordel, entre outras manifestações culturais, cujos autores são identificados no ato da sua criação. Desta forma a Carta de 1995 define o folclore da seguinte forma:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1995).

O conceito de cultura é escorregadio, difícil de ser delimitado; segundo diversos autores, a palavra cultura pode remeter a um conjunto de conhecimentos compartilhados por um grupo e/ou a formas de comportamento, a uma maneira de viver ou, ainda, a atividades culturais. A identidade de um indivíduo é determinada em função de sua cultura: segundo o lugar de nascimento, as atividades que ele pratica, ele pode se orientar ou não em direção a um meio social. Para a UNESCO

Em seu sentido mais amplo, a cultura pode, hoje, ser considerada como o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 1982).

Com efeito, o termo inglês *culture*, “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARRAIA, 2006, p. 25). Para Aldo Luiz Bizzocchi a cultura é vista como:

Conjunto de todos os bens materiais e espirituais de um povo, que o distinguem dos demais, ora como a parcela espiritual desses bens. No primeiro caso, a cultura compreende tanto o arado que lavra a terra e o método utilizado para plantar quanto o pote de barro decorado em que se faz a comida e a dança ritual em louvor aos deuses. No segundo, a cultura está no canto, na dança e na decoração do pote, mas não no arado ou no plantio (BIZZOCCHI, <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/09.htm>).

Ainda para este autor “a cultura é mais que um estoque de informações. É também modo de viver, de pensar, de agir. Cultura envolve um feixe de valores sociais, morais, espirituais, que acabam construindo a personalidade de cada um e o seu grupo de convívio” (<http://www.aldobizzocchi.com.br/textos.html>).

Este trabalho dialoga, também, com a geografia cultural, pois segundo Manuel Diegues Júnior, “o estudo das ciências antropológi-

cas não dispensa a base geográfica, isto é, o meio em que se desenvolvem os fatos culturais”. E, ainda, para este autor,

Geografia é ciência que modernamente colabora de maneira feliz no desenvolvimento dos estudos etnológicos: e, em particular, nos estudos folclóricos. Pois em folclore é de fundamental significação a área em que se localiza o fato, de modo a ser conhecido geograficamente em condições a contribuir para que se elucidem os elementos que concorreram na sua formação ou difusão (DIÉGUES JÚNIOR, 1954).

Esta particularidade regional, de área geográfica ou física, não contradiz a universalidade do fenômeno folclórico, ao contrário, serve para mostrar a sua origem, a sua expansão e o seu alargamento. Paul Claval (2001, p. 17) comenta que “a geografia cultural nasceu da diversidade dos gêneros de vida e das paisagens” e que “aparentemente condenada ao declínio pela uniformização técnica, reencontra seu dinamismo, ligando-se às representações e aos sentimentos de identidade que lhe estão vinculados”. Para o professor Cincinato Marques de Sousa Jr., do Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA, “cultura é a somatória de todas as demais culturas presentes num espaço geográfico. É o resultado de um processo de construção social, reelaborado a cada momento, no bojo de um processo histórico. Esse resultado se configura espacialmente.” (Cf. PINTO)

## **2. Metodologia**

O método de trabalho consistiu, inicialmente, em identificar a oferta cultural da cidade e de instituições públicas ou de empresas privadas que agem nessa área. Para isso, fizemos pesquisas no Patrimônio Histórico do Estado, na Fundação Cultural e visitamos a Prefeitura de Plácido de Castro. Esse procedimento nos pareceu o mais apto para dar conta da situação de campo.

Como esse trabalho inicial apontou para dois acontecimentos principais, as festas juninas com as quadrilhas e para o evento religioso intitulado Festa do Bom Jesus de Abunã, a pesquisa se centralizou nessas duas manifestações, com ênfase na segunda, tendo em vista que as quadrilhas já haviam sido descritas na fase do projeto voltada para Rio Branco e que, não há variações profundas no tocante ao desenrolar da dança no Estado.

Em Plácido de Castro, distribuímos um pequeno questionário, a ser preenchido anonimamente, na Prefeitura Municipal, na Câmara Municipal, no Fórum Desembargador José Lourenço Furtado Portugal, nas ruas centrais da cidade; nos estabelecimentos comerciais e em residências particulares. O universo foi composto por 100 pessoas, 41 homens e 59 mulheres de 18 a 60 anos, que responderam, de forma anônima, um pequeno questionário que lhes foi passado. Os locais de ocorrência já foram mencionados na parte metodológica deste trabalho. 100% desse escreveu que conhecem a Festa do Bom Jesus do Abunã; 85 % afirmaram participar da festa.

Embora simples, essa sondagem exploratória serviu como termômetro para a confirmação da popularidade do evento na cidade.

Além dessa pequena enquête, fizemos uma breve apresentação histórico-geográfica do município, baseados em documentos do governo do Estado e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Selecionamos dois informantes para cada manifestação cultural. Como critérios, essas pessoas deveriam ter grande conhecimento do evento em questão, preferencialmente com participação direta na organização e apresentações. Transcrevemos os depoimentos e, estabelecido o *corpus*, dele retiramos textos para um breve ensaio.

### **3. A festa do Bom Jesus do Abunã**

Definidos pelos limites político-administrativos, os territórios o são, também, de outra maneira por limites culturais. Dessa forma, Plácido de Castro, município que foi desmembrado da capital do Acre, Rio Branco, pela Constituição Estadual de 1º de março de 1963 (IBGE), está situado às margens do rio Abunã. Do outro lado do rio, na fronteira, a cidade boliviana Montevidéu é regida por outras regras político-administrativas e por outros códigos culturais. O comércio e o contato entre os habitantes fronteiriços mostram a realidade econômica e social bastante aproximada das duas populações. A fronteira física entre Plácido de Castro e Montevidéu se mantém nos espíritos e nas práticas; transformada em vantagem para o desenvolvimento local, em especial para o comércio, ela é, permanentemente, objeto de uma reconstrução cultural.

A fronteira, de acordo com Morel (2007, p. 60),

está longe de ser um espaço onde se efetuará uma transição pacífica entre duas culturas e menos ainda um espaço de diálogo natural. Ela até pode ser exatamente o inverso: um corte claro, um face a face, um lugar de enrijecimento identitário e de afirmação de si próprio [...]. (original em francês. Tradução livre).

Essa é, segundo o autor, a primeira “cultura da fronteira”, mas ele próprio reconhece a existência de outras “culturas de fronteira”. Assim, inversamente ao que diz Morel, a fronteira pode ser vista como um espaço de integração entre dois povos. Para Müller (2003, p. 4), a fronteira exerce influência nos fazeres, nas falas, nos textos, nas manifestações culturais, nas manifestações esportivas, políticas e outras.

Nesse cenário dual, a Festa do Bom Jesus do Abunã, de cunho religioso, é organizada pela paróquia (Igreja Católica) de Plácido de Castro, juntamente com a comunidade local. Esta festa é realizada todos os anos, costumeiramente no segundo final de semana de julho com duração de três dias.

Olha ela acontece é... primeiro a gente é... monta as comissões pra organizar, cada um cuidar d'uma parte, um cuida da parte religiosa, outro cuida da parte de ornamentação né, do local que começou é começou a festa era realizada no centro de treinamento né da paróquia, [...]

É uma comissão né, quem encabeça na verdade é o frei da paróquia, que hoje nós temos o frei, é ele que lidera, mas é montado uma comissão né, escolhida duas ou três pessoas, e essa, dessa comissão que... lidera todas as coisas que tem ser realizadas.

A festa mesmo, a festa religiosa é durante a semana né e tudo, a preparação espiritual, agora a festa na rua é na sexta e no sábado. No domingo é realizado só um almoço, aí é no centro mesmo de treinamento.

Na semana que antecede a festa são realizadas novenas, que se iniciam na segunda-feira a partir das sete horas da noite na igreja central e na comunidade de São Sebastião. O encerramento das novenas acontece na sexta-feira e logo após inicia-se o tríduo, os três dias de festa, na avenida mais antiga da cidade, a Avenida Epaminondas Jácome. A primeira noite de festa é aberta para toda a comunidade; neste dia há apresentações de grupos de quadrilhas e realizações de bingos.

[...] mas como foi crescendo, foi... foi se desenvolvendo e transfor-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mou- se numa festa grandiosa, muita gente, aí mudou- se pra avenida. Então é, a organização começa assim, cada um toma de conta de uma parte da ornamentação, da parte religiosa. A gente começa na semana da festa com as novenas né, com os é... com a organização do evento, e o evento mesmo acontece é com as festas, com venda de, de comidas típicas, de bingos, de bingos de garrotes ou ovelha, esse ano mesmo foram bingados trinta novilhas.

No sábado as comunidades se reúnem para a realização de um torneio que ocorre durante o dia inteiro. Às cinco horas da tarde, logo depois do encerramento do torneio, inicia-se uma procissão pelas ruas da cidade. Nesta procissão os fiéis levam consigo o Bom Jesus, o padroeiro da cidade de Plácido de Castro. Ao chegarem à beira do rio, esperam a chegada de Nossa Senhora de Copacabana, padroeira dos bolivianos de Montevidéu. Os bolivianos de Montevidéu atravessam o rio de barco e entregam sua santa aos fiéis brasileiros os quais seguem novamente em peregrinação pela cidade de Plácido de Castro, agora com dois santos: o Bom Jesus e Nossa Senhora de Copacabana. Ao término da procissão é realizada uma missa na avenida para todos os fiéis. Atualmente esta missa é celebrada na rua, porque a paróquia não comporta mais a quantidade de fiéis que a frequentam. Para alegrar a missa são convidados músicos da cidade de Rio Branco para tocar. Depois da parte religiosa que vai até as dez horas da noite, começa, por volta das dez e meia da noite, um grande bingo. Nessa noite é sorteado (bingado) um número considerável de garrotes, doados pela comunidade. No último dia de festa, domingo, é celebrada uma missa pela manhã, sempre por um bispo, e logo após a missa é servido um almoço no centro da cidade dando encerramento à festa.

No sábado antes, nas cinco horas, aí tem a procissão, né, a homenagem a Bom Jesus do Abonã, que são pelas ruas da cidade, né.

A gente, a gente sai da matriz, quando era, ah, nossos irmãos bolivianos tavam morando aqui, a gente fazia um encontro de Nossa Senhora de Copacabana né, que é a padroeira da vila deles, e aí a gente saíamos daqui de frente da nossa paróquia, passávamos aqui na beira do rio, pegávamos a Santa e saíamos os dois pela rua da cidade, íamos aqui na rua principal e... Acredito que o trajeto todo daria uns três quilômetros.

O enredo da Festa do Bom Jesus do Abunã é traduzido pelo encontro dos dois santos, o que nasceu da ideia de integração entre bolivianos e brasileiros. Nossa Senhora de Copacabana e Bom Jesus caminhando lado a lado simbolizam a paz entre os dois países – Bra-

sil e Bolívia. A festa dos bolivianos acontece uma semana após a de *Bom Jesus*. Naquela, ocasião em que os bolivianos peregrinam pelas ruas da cidade desenvolvem atividades com danças folclóricas. Segue um devoto com a santa e as demais pessoas acompanham a procissão dividida em vários grupos diferentes, dançando algumas coreografias de danças folclóricas da Bolívia, com cada grupo representando um Estado.

O surgimento da Festa do Bom Jesus do Abunã ocorreu na década de 80, com a chegada do Padre Luis Pierete na paróquia da cidade. Até então eram realizadas algumas festas ao lado da igreja e o Padre Luis introduziu uma procissão que era realizada no rio. Nesse período, os fiéis saíam em peregrinação pelo rio Abunã e iam até o comando boliviano do outro lado do rio onde realizavam uma missa e ao voltar para o lado brasileiro realizavam outra missa. Com o passar dos anos os devotos foram aumentando e, por isso, ficou perigoso seguir em procissão pelo rio por causa da quantidade de barcos que aumentou consideravelmente. Com medo de acidentes os devotos passaram a realizar a procissão pelas ruas da cidade, porém ainda continuaram a ir até a beira do rio onde até hoje fazem um momento de oração e se encontram com a santa Nossa Senhora de Copacabana e depois seguem pelas ruas de Plácido de Castro em procissão.

Sabe-se que as relações entre espaço e cultura são muito rapidamente definidos como recíprocos: o espaço, produto social, carrega a marca da cultura que o moldou; inversamente, a cultura comporta aspectos espaciais. Paul Claval (2001) cita, por exemplo, a maneira com que as sociedades se orientam, nomeiam e recortam o espaço (profano/sagrado/privado/público) ou como suas relações com o entorno são mediados pela cultura (mediação técnica, mediação alimentar, entre outras). Mais do que isso, as relações entre espaço e cultura são dialéticas: para Berque (1990), a paisagem, marca da cultura, é também a matriz dela já que contribui para a sua reprodução.

Note-se, de passagem, por todos os relatos, a mistura da religiosidade católica popular com a festa, constituindo-se em manifestação cultural que expressa um vínculo entre o sagrado e o profano, o primeiro presente nos rituais católicos e o segundo nos eventos circundantes ao momento religioso (torneio, bingos, grandes refeições coletivas, músicos de Rio Branco).



Destacam-se na descrição da festa elementos de simbologia cósmica e elementos de simbologia social. Entre os primeiros estão o fato de levar para fora estátuas que habitualmente ficam em ambientes fechados e levá-las para o rio, símbolo de vida. Entre os segundos, estão o fato de as estátuas percorrerem as artérias da cidade, as visitas que se faziam ao país vizinho agora transformadas em paradas à beira do rio à espera de Nossa Senhora de Copacabana e, por fim, o recebimento da estátua desta santa.

Sabe-se que, em geral, as zonas fronteiriças carregam o peso das lembranças de conflitos históricos e de estereótipos abafados que renascem na consciência coletiva em certas situações e encontram no quadro de um contexto concreto sua significação. Ultrapassando a função religiosa que é manifesta, a Festa do Bom Jesus do Abunã aparece como um processo simbólico de integração, de paz, entre os dois países cujo passado histórico foi de lutas em que o território agora brasileiro foi desmembrado do território boliviano. Esse elemento simbólico agregado recentemente, há quatro anos segundo depoimento de um dos participantes, contribui ainda mais para o sucesso da festa.

No que tange à questão religiosa, que imbrica outros sentidos para a festa em tela, cumpre ressaltar que a representatividade, para além de certo simbolismo, traz a lume, os índices de uma linguagem que está entre o ato em si – a festa propriamente dita – e a expressividade, que deflagra, ao nível da língua, outros encadeamentos que, *per si*, devem ser investigados para elucidar os possíveis universos do símbolo, da alegoria, da significação, do significante, do significado, e, talvez, da metassignificação.

Assim, é imperioso ressaltar que, em se tratando de ato religioso, mostra a questão cultural, outra via de ser daqueles que representam a discursividade, e corroboram o sincretismo que é amparado por todas as manifestações constatadas, ao nível da língua e da linguagem, em tempo simultâneo.

#### 4. Considerações finais

Em resumo, A Festa do Bom Jesus do Abunã ocorre na segunda semana do mês de julho, tendo por principais patrocinadores a igreja Católica e a comunidade local. O grande diferencial dessa festa em relação aos outros eventos de Plácido de Castro reside na entrega, carregada de simbolismo, da santa padroeira dos bolivianos, Nossa Senhora de Copacabana, aos brasileiros, do lado oposto do rio, para que estes peregrinem com as duas estátuas lado a lado pelas ruas de Plácido de Castro.

#### REFERÊNCIAS

BIZZOCCHI, Aldo. *Anatomia da cultura: uma nova visão sobre ciência, arte, religião, esporte e técnica*. São Paulo: Palas Athenas, 2003.

\_\_\_\_\_. Os discursos sociais e a conceituação de cultura a partir dos conceitos de função pragmática e função hedônica. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/09.htm>>.

\_\_\_\_\_. Textos. Disponíveis em: <<http://www.aldobizzocchi.com.br/textos.html>>. Acesso em: 03 set. 2008.

BRAZILSITE. Disponível, em: <<http://www.brazilsite.com.br/folclore/cavalarias/mastercaval.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cultura popular e folclore*. Organização, notas e estudos de Américo Oliveira Costa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

\_\_\_\_\_. *Antologia do folclore brasileiro*. v. 1, 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. *Antologia do folclore brasileiro*. V. 2, 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução de Luiz fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Geografia e tradições populares*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 07 de março de 1954; Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/agosto69/al69008b.asp>. Acesso em: 26 jan. 2009.

IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/acre/placidodecastro.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2008.

LARRAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MÜLLER, Karla M. et al. Relações socioculturais na linguagem da mídia de fronteira: Ponta Porã / Brasil – Pedro Juan Caballero / Paraguai. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos.

PINTO, Walter. São João sob a lupa da Geografia Cultural. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/Beira21/Noticias/noticia5.htm>>.

UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Acesso em: 20 jan. 2009.